

**VICENTE**

COLECÇÃO DIRIGIDA POR OSÓRIO MATEUS

---

Osório Mateus  
REIS

---

**Quimera**

LISBOA 1990 | e-book 2005



*A dita senhora rainha [Lianor], muito satisfeita desta pobre cousa [Pastoril Castelhana], pediu ao autor que pera dia dos Reis logo seguinte lhe fizesse outra obra. E fez a seguinte,*

*Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente (1562: 005- 007)*

*Reis* é o terceiro auto conhecido na história do trabalho teatral de Vicente. Depois da *Visitação* de Junho de 1502, a rainha Lianor pede ao autor que lhe represente no Natal. Vicente faz um auto novo: *Pastoril Castelhana*. Treze dias depois, apresenta *Reis*, o mais antigo auto para a Epifania que hoje se conhece na história do teatro em Portugal. Integra-se na liturgia, mas parte da substância ultrapassa a memória evangélica.

Em Novembro de 1502, o rei Manuel partira em peregrinação a Santiago de Compostela, em acção de graças pelo descobrimento do caminho marítimo para a Índia. Ao voltar a Lisboa, vai habitar Santos-o-Velho, residência régia junto do rio, onde terá passado o Natal. Nada impede a hipótese de *Pastoril Castelhana* e *Reis* serem autos produzidos para as festas do regresso, por encomenda de Lianor. O que parece certo é que *Reis* terá sido feito num lugar sagrado. Pode tratar-se de uma capela das casas de Lianor junto à Sé, ou de uma capela dos paços do rei: Santos-o-Velho ou Alcáçova. Não se conhecem as dimensões e as formas dos lugares possíveis, mas as alternativas implicam diferenças na forma do objecto.

Levando à letra a *Copilaçam*, quando Vicente apresenta *Pastoril Castelhana* não sabe que vai fazer *Reis*, treze dias depois. Não se trata de um conjunto de preparação simultânea: um auto para as matinas do Natal, outro para a Epifania. De facto, só tarde se encomenda e prepara o novo auto. O trabalho implica fazer o projecto da acção, montar os materiais, escrever e ensinar os versos. Há mais trabalhos específicos, como o de achar um modo para vestir os actores e escolher o aparato. É possível que os pastores tenham um cajado e uma cabaça. Há ainda que fingir um frade, um cavaleiro da Arábia e mais três reis doutras paragens. É preciso fazer ou escolher as músicas. E contar com um presépio que já está pronto ou tem ainda que se armar. Treze dias mal chegam para decorar os versos. É possível que Vicente faça a parte de Gregório, o primeiro pastor que fala. A execução implica mais corpos, que talvez sejam os mesmos do auto anterior. Fala ou canto são indicados para 4 mais 3 executantes. Vicente e que outros?

*Reis* é uma acção simples, com fragmentos díspares e não integrados. Constrói-se por montagem rudimentar de números soltos e deixa à mostra as articulações. Antes de tudo, é memória de *Pastoril Castelhana*. Talvez seja feito por e para as mesmas pessoas, no mesmo espaço e com o mesmo presépio. É também auto de Natal com pastores bobos, que falam e brincam entre si e com quem lhes aparece na cena, analisam divergências e vão participar na adoração do menino. A época prevista oferece um motivo novo. O auto é ainda para as festas do nascimento, mas já na Epifania, e funda-se no passo evangélico em que os reis magos vêm do Oriente para adorar o menino.

Introduzem também novidade a figura do frade, que não tem a ver com a história celebrada, e a do cavaleiro da Arábia, pertencente à comitiva dos reis.

Como em outros autos de Natal, coincidem dois tempos: *agora* e *antes*. Parte do auto representa a actualidade quinhentista e há bulas, breviários, frades, *palaciegos*. Quando se adora o menino, o tempo representado é o do mistério do nascimento de Cristo, dezasseis séculos antes. O espaço representado também é dúplice: *aquí* e *allí* são as cercanias da terra de Cristo, *Belén* e o presépio, mas são também as terras ibéricas dos pastores, em que há nomes de mulher como *Turibia del Corral*.

*cuja introdução é que um pastor determinou de ir a Belém e errou o caminho*

A primeira figura chama-se Gregório, fala em saiaaguês e entra sozinho, a abrir o auto. É um pastor a quem um anjo anunciou o nascimento e que anda em busca do menino nascido.

Na primeira estrofe, o texto fala de outra aventura, mas pode aludir também à realidade da produção e brincar com as aflições da feitura do auto novo, em tão pouco tempo. Por um lado, há a figura do pastor perdido, que se queixa do frio e de não ter dormido. Por outro, há um corpo que transporta a voz do autor e fala de si. *trece días* diz o tempo que passou desde o Natal, mas diz também o prazo do trabalho. O efeito regressa na quinta estrofe e é mais perturbador se Vicente faz de Gregório.

*e entra dizendo:*

*. Asmo asmo soncas ah  
que me da  
la fortuna trasquilón  
he dejado mi zurrón  
y esclavón  
y no sé qué hago acá.  
Dios plega quién me dirá  
adó está  
este niño que es ñacido  
que ando bobo perdido  
sin sentido  
trece días perhabrá  
que ño sé qué haga ya*

005c

*ño sé parte ni recado  
del ganado  
y los perros son perdidos  
mis corderos dan gemidos*

*muy sentidos  
por entrar en lo poblado.  
todo mi hato he dejado  
desmedrado  
por buscar este neñito  
dícenme que es tan boñito  
que me aflito  
por no habello topado  
y ando desesperado*

*despepito mi sentido  
que en olvido  
tengo los memoriales  
saltando por robredales  
y enciñales  
que gota no he dormido  
de aterido  
de todo no me doy nada  
si topase la posada  
muy loada  
donde está recién ñacido  
este niño esclarecido.*

005d

Terminou a apresentação de Gregório. Entra agora um segundo pastor, acompanhado de um frade letrado que se chama Alberto, e que a *Copilaçam* de 1562, na distribuição de falas, designa por *Irmitão*. A rubrica que corresponde ao momento da sua entrada não dá conta dele e diz apenas:

*Entra Valério outro pastor.*

*. De dónde eres pecador  
di pastor.  
Gregório . Pastor y bien desdichado  
que ando descarriado  
hambreado  
por ver nuestro redentor  
dijo el ángel del señor:  
pastor pastor  
ve y deja tus cabritas.  
y dejélas solecitas  
muy marchitas  
y ño sé ser sabidor  
adó ñació el salvador  
  
trece días son pasados*

*bien contados  
que ando perdido el tino  
sin hallar ningún camino  
ni soy dino  
de lo ver por mis pecados.*

A invocação inicial de *pecador* e, mais tarde, a assunção dos *pecados* na fala de Valério podem parecer expressões ritualizadas, de sentido perdido, mas, na realidade da construção do auto, são anúncio de um número que se aproxima. Para já, o segundo pastor apresenta o frade.

Valério . *Ora tienes bien librados  
tus cuidados  
este padre fray Alberto  
que topé naquel desierto  
sabrá cierto  
eso porque los lletrados  
son guía de los errados.*

Gregório . *Ah flaire sabés do vais  
o andáis  
a de suso como yo  
el niño que nos crió  
do nació  
qu'es la nueva que me dais?  
por Dios que me lo digáis  
no hagáis  
que me muera de cordojos.*

006a

Tanto quanto se sabe, no teatro de Vicente vai falar-se pela primeira vez em castelhano e o novo tema do auto é o diálogo entre línguas e saberes diferentes. Mal há comunicação entre o saiaguês ingénuo dos pastores e o castelhano legítimo e cortesão de frei Alberto, que sabe mais e diz assim:

. *Pastor no tomes enojos  
que tus ojos  
verán quien todos buscáis.*  
Gregório . *He miedo que me burláis  
traéis aende breviario  
o calandario  
o sois fraile como quiera?*

A figura deste frade não é cômica, mas são de ordem cômica as dúvidas de Gregório. A graça prudente da pergunta distingue bom e mau frade.

*si aliño aquí hobera  
bien quisiera  
si sabéis bien de vicario  
que digáis un trintanario  
al rosario  
porque Dios me deje ver  
sin tener  
al demuño por contrario  
aquel precioso sagrario.*

Frei Alberto faz o elogio do pastor que sacrificou tudo, compara a busca alheia ao descuido próprio.

*. Oh bendito y alabado  
y exalzado  
sea nuestro redentor  
que un rústico pastor  
con amor  
lo busca con gran cuidado  
desempara su ganado  
muy de grado  
por ver al niño glorioso.  
qué haré yo religioso  
perezoso  
que ando tan sin cuidado  
por aqueste despoblado?*

*destos pobres labradores  
y pastores  
quiso ser ofrecido  
adorado y conocido  
y servido  
con cantares y loores  
escuchando sus primores  
y clamores  
la virgen nuestra señora  
y la vaquilla loadora  
en la hora  
que el señor de los señores  
nació de flor de las flores*

006b

*qué descanso y qué placer  
fuera ver  
el resplandor glorioso  
aquel verbo gracioso*

*tan lloroso  
acabando de nacer.*

Frei Alberto proferiu discurso sério em louvor do Natal. O segundo pastor parece não ter sequer percebido o elogio feito a Gregório.

Valério . *Buldas debéis de traer  
a vender  
que os estáis chacorveando.*

A reprovação dos ichacorvos, vendedores de indulgências falsas, reflecte a posição oficial da Igreja, reafirmada nas Constituições de Coimbra (1521) e de Astorga (1533). As leis civis eram contra eles, pelo menos desde as cortes de Santarém (1427). Frei Alberto indigna-se, porque não é ichacorvo e falava da salvação por contemplação:

*. Harto es eso de desmando  
pues veis que estoy hablando  
contemplando  
lo que nos es menester  
se suyos queremos ser.*

Vai começar uma sequência diferente: a dos pecados dos pastores. É um número cómico e as perguntas inocentes expõem o projecto. Se há respostas do frade, não são verbais.

Valério . *Decidnos padre bendito  
halláis scr̄ito  
si es pecado estrañar?  
más os quiero preguntar  
y ñotar  
esperad ansí un poquito  
digo que escondo el cabrito  
por hacer berrar la cabra  
y remojo la palabra  
a cada habla  
es gran pecado infinito  
o es medio pecadito?*

Gregório . *Si el hombre de birra pura  
per ventura  
adrede despierna un grillo  
por no vello ni oïllo  
y encobrillo  
es pecar contra natura?*



O segundo pastor prossegue, mas pergunto como sabe o nome do primeiro, se o não conhecia antes e ninguém lhe disse como se chamava. Pode ser erro técnico, mas o espectador talvez não se aperceba e o leitor muito menos, habituado como está ao nome didascálico.

Valério . *Otra cosa más oscura  
y más dura  
quiero Gregorio hacer  
pregúntale quiero ver  
su saber  
que asegún su gestadura  
es lletrado en la scritura*

006c

*decid padre: es gran pecado  
deñodado  
andar tras las zagalejas  
y enchirle las orejas  
de consejas  
por metellas en cuidado?  
dejar entrar el ganado  
en lo vedado  
por andallas namorando?  
estálo Dios oteando  
y acechando  
si desto tiene cuidado  
ni punto estará parado*

*que todos en mi lugar  
a la par  
andan transidos d'amores  
los jurados labradores  
y pastores  
y aun el crego a más andar  
lo veo resquebrajar  
y sospirar  
por Turibia del Corral.  
dicióme fraile: es gran mal  
desigual  
o se debe perdonar  
pues no se puede excusar?*

Frei Alberto fala noutro tom:

*. Este mundo peligroso  
sin reposo*

*nos trae a todos burlados  
ciegos mal aconsejados  
desviados  
daquel reino glorioso.  
quién puede ser más dichoso  
ni gozoso  
que tener puesto el querer  
el amor y su poder  
sin torcer  
neste niño muy gracioso  
puerto de nuestro reposo?*

006d

*quien se viere sujuzgado  
y apretado  
de mundano pensamiento  
contemple su nacimiento  
cuán contento  
lo verá desnudo echado  
de los fríos trespasado  
y adorado  
de los brutos animales  
luego olvidará los males  
desiguales  
que le presenta el pecado.*

Gregório . *Pecado es ser namorado?*

O segundo pastor glosa o mote em três estrofes de maior ímpeto lírico. Também o discurso pastoril se torna sério, neste hino desenfreado da sujeição ao amor que, além de natureza, é escritura.

Valério . *Crió Dios por la ventura  
hermosura  
para nunca ser amada?  
crióla demasiada  
pera nada?  
cómo dicís que es locura?  
mirad mirad la scritura  
qué cordura  
hallarés más amadora?  
dende Andrán hasta ahora  
nesta hora  
fue discreta criatura  
que ño siga esta ventura?  
  
se a Dios desto pesara*

*ño criara  
zagalas tan relucientes.  
fueran prietas y sin dientes  
y las frentes  
más angostas que la cara.  
las narices le ensanchara  
y achicara  
los ojos como hurones  
y ñunca nuestros corazones  
de pasiones  
nuestras vidas aterrara  
ni de Dios nos apartara*

007a

*esmeróse su poder  
en hacer  
tan graciosas sus hechuras  
qu'entre todas hermosuras  
son más puras  
más dinas de obedecer.  
quién dejará de querer  
su valer  
pues son de ñuestra costilla?  
que natureza nos ensilla  
que ño podemos trocar  
de sujetos suyos ser.*

A rubrica conta agora a chegada de uma figura nova, um cavaleiro da Arábia, que vinha em busca do menino e se perdeu. Repete-se o pretexto da entrada do primeiro pastor, na abertura do auto.

*Entra um cavaleiro que vinha em companhia dos reis magos e diz:*

*. Mantenga Dios los señores.*

Frei Alberto responde ao cavaleiro no mesmo registo de linguagem:

*. Dios loores.*

O segundo pastor usa outro registo. É a tónica do resto da sequência, que exhibe o desajuste de comunicação entre o cavaleiro e os pastores.

Valério . *Soncas vengáis norabuena  
tú abaixa la melena.*  
Gregório . *Ño me pena.*  
Cavaleiro . *Dicidme amigos pastores*

*sois sabidores  
se iré por aquí bien  
para el lugar de Belén?*  
Gregório . *Yo allá vo adó vais  
y ando asmo como andáis.*

Valério . *Andad señor por aquí  
o por allí.*  
Cavaleiro . *Mira bien pastor qué dices.*  
Valério . *En frente de las narices  
a perdices  
andaréis prometo a mí.*  
Cavaleiro . *Qué linaje tan bestial  
animal  
este bruto pastoriego.*

A resposta cómica é jura por um santo dos pastores e praga contra o cavaleiro:

Valério . *Doy a rabia el palaciego  
por san Pego  
que quizás por vuestro mal.*

Frei Alberto explica ao cavaleiro:

. *Toda la descortesía  
es villanía.  
señor de dónde sois vos?*  
Cavaleiro . *D'Arabia.*

007b

As reacções verbais são de espanto. Frei Alberto clama:

. *Bendígaos Dios.*  
Gregório . *Arabio sos?*  
Cavaleiro . *Sí y perdí la compañía  
de una gran caballería  
que venía  
a tino tras duna estrella  
y ellos van en pos d'ella  
sin perdella  
y alcanzarlos quería  
y fortuna me lo desvía.*

A imagem verbalizada é a dos três reis em busca do menino, guiados pela estrela que lhes apareceu. Frei Alberto faz avançar a narrativa:

. *Y adónde van si sabéis?*  
Cavaleiro . *Van tres reis*  
*adorar con sentimiento*  
*y muy grande acatamiento*  
*el nacimiento*  
*del señor de todas greis.*  
*en nuestra tierra sabréis*  
*si queréis*  
*que desde Ballán se vellaba*  
*la señal que se esperaba*  
*que mostraba*  
*el nacimiento que veis*  
*del señor de nuestras leis.*

Gregório . *Decid señor qué estrella era.*

Frei Alberto ecoa o pedido e a narrativa do cavaleiro pode continuar.

. *Quién la viera.*  
Cavaleiro . *Es muy reluciente estrella*  
*y un niño en medio della*  
*muy más que ella*  
*reluciente en gran manera.*  
*una cruz en su cimera*  
*por bandera.*

Gregório . *Dónde se vio tal señal?*

Cavaleiro . *Del monte vitorial.*

Em tempo de natividade, o auto já fala da cruz a erguer no Gólgota e introduz um número de evocação de profecias bíblicas, semelhante à sequência sobre o mesmo tema que coube à figura de Gil Terrón em *Pastoril Castelhana* ou à teoria das virtudes leitoras que Vicente vai armar em *Mofina* (1534). Em *Reis*, as profecias cabem a frei Alberto:

. *Oh divinal*  
*vitoria muy verdadera*  
*de nuestra culpa primera*  
*oh profeta Esaiás*  
*bien decías:*  
*llévántate a ser alumbrado*  
*Hierusalén visitado*  
*y acatado.*  
*recibe tus alegrías*  
*que la gloria del Mesías*  
*que querías*

007c

*sobre ti es ya venida  
y los reis de gran partida  
nobrecida  
nel resplandor de tus días  
en tus tierras los verías*

A profecia descrita corresponde a uma acção prevista pelo espectador: a adoração pelos reis magos, resplendor maior deste auto.

*David nel salmo setenta  
y uno cuenta:  
reis de Tarsis y Sabá  
y de Arabia verná  
con humildad  
muy gran compañía sin cuenta  
adorar sin más afrenta  
muy contenta.*

Cavaleiro . *D'oro llevan gran presente  
encenso mirra excelente  
humilmente.*

Valério . *Mira bien Gregorio atenta  
este señor qué recuenta.*

As falas dos pastores e do cavaleiro acabaram por se ligar e a sequência termina numa praxe de reconciliação.

Gregório . *Caballero rellator  
yo pecador  
villano nescio bestial  
no pensé que érades tal  
y hablé mal  
de que tengo gran dolor.*

007d

Cavaleiro . *Yo te perdono pastor  
que el señor  
por cualquier culpa mortal  
no pide ál al pecador.*

Segue-se uma acção musical em que se representa a entrada dos cantores vestidos de reis. A música perdeu-se, mas sabem-se as palavras.

*Aparecem os três reis magos cantando o vilancete seguinte:*

*. Cuando la virgen bendita  
lo parió  
todo mundo lo sintió*

*los coros angelicales  
todos cantan nueva gloria  
los tres reyes la vitoria  
de las almas humanales.  
en las tierras principales  
se sonó  
cuando nuestro Dios nació.*

O auto integra um presépio inanimado, que já está na capela, ou arma, de propósito, um presépio animado. Para o mostrar, ocupa-se outra área de representação ou abre-se uma cortina, mesmo ali. A oferta dos presentes é o fim do auto. Durante a saída dos actores, talvez se repita o vilancete.

*E cantando assi todos juntamente, ofrecen os reis seus presentes. E assi muito alegremente cantando se vão.*

A voz que fala na rubrica final parece ser a do autor dos autos, a mesma que chamou *pobre cousa* a *Pastoril Castelhana*:

*E acaba em breve, porque nam houve espaço pera mais.*

Na primeira edição conhecida, a *Copilaçam* de 1562, os três primeiros textos de Vicente – *Visitação*, *Pastoril Castelhana* e *Reis* – estão tratados como uma só unidade editorial. O texto de *Reis* – como o de *Pastoril Castelhana* – só tem nome próprio na *Taboada*.

Na segunda edição, a de 1586, o texto foi mutilado pela censura, na sequência entre frei Alberto e os pastores. Dos exemplos do amor universal, desapareceu o do clérigo que suspira de amor por *Turibia del Corral*. São oito versos, desde *y aun el crego a más andar até pues no se puede escusar*. Mais à frente, foram cortados trinta e oito versos, correspondentes às três estrofes em que Valério glosa o mote *Pecado es ser namorado*. Perto do fim, faltam três versos em que o cavaleiro da Arábia explicava um perdão: *que el señor \ por cualquier culpa mortal \ no pide ál al pecador*.